

Delfim tranquiliza os

A. M. PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — O ministro do Planejamento do Brasil, Antônio Delfim Netto, disse ontem que "não há nenhuma razão para se imaginar que o Brasil seja diferente dos outros" (países) e ninguém deve preocupar-se com o clima de transição política e a mudança de governo no País. "O Brasil está aprendendo", afirmou o ministro, que está em Washington desde ontem para negociar um novo programa de empréstimos do Banco Mundial e para conversar com dirigentes do Fundo Monetário Internacional. "Já fizemos uma eleição. Não acontece nada. Elege-se quem tem de ser eleito, ele toma posse e continua-se trabalhando", disse Delfim Netto, ao comentar a reação externa diante das futuras eleições presidenciais no Brasil.

O ministro do Planejamento, o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, e altos funcionários da área econômica almoçaram no Banco mundial, ontem, e depois reuniram-se com o presidente da instituição, A. W. Clausen. Supostamente, o governo brasileiro já deveria ter entregue ao Banco Mundial um programa pormenorizado de desenvolvimento a médio e longo prazos para diversas áreas, prevendo mudanças estruturais, como o **Estado** noticiou há dois meses.

Mas Delfim Netto disse, ontem à tarde, ao sair do Banco Mundial em

direção ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, que o governo está concluindo seu programa "para a parte de energia elétrica e terminando a parte de siderurgia". "Este é um programa que tem de ser trabalhado mais um pouco", acrescentou o ministro. O Bird havia pedido mudanças radicais na política de preços, de subsídios e até de procedimento administrativo.

CO-FINANCIAMENTO

No ano calendário de 1983 (não confundir com o ano fiscal do Banco Mundial, que começa em Julho), o banco desembolsou US\$ 1,2 bilhão para o Brasil, um recorde, e pretende desembolsar a mesma quantia em 1984. Delfim Netto afirmou que há a intenção de se intensificar a operação de co-financiamento com o Brasil, mas que isso é apenas uma idéia. O co-financiamento é uma operação em que os bancos privados participam com o Banco Mundial no apoio a determinados projetos. O Banco Mundial serve, aí, como uma espécie de catalisador dos recursos privados. Durante muito tempo o Brasil temeu que o co-financiamento apenas substituiria os financiamentos normais que o País receberia dos bancos, mas de uns tempos para cá parece fazer menos objeção à idéia.

Assim, mesmo Delfim Netto acha que "é muito cedo para se falar sobre isso". Referia-se principalmente aos rumores de que os bancos comerciais entrariam com US\$ 2 bilhões em operações de co-financia-

mento para o Brasil no próximo ano. O que aconteceu, segundo o ministro, é que alguém ouviu falar que o Brasil terá uma necessidade de recursos de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões no ano que vem e, "como todo mundo no Brasil é matemático", chegou-se à conclusão de que metade disso viria de co-financiamento. "Aí há uma confusão. Não creio que seja coisa para agora", afirmou Delfim Netto.

Hoje, o ministro irá ao Fundo Monetário Internacional, que estará enviando missão ao Brasil em meados de agosto. Delfim Netto disse que não está prevendo problemas com o FMI. "Passamos por todos os testes, por todas as obrigações", afirmou referindo-se aos critérios de desempenho estabelecidos no acordo com o Fundo Monetário Internacional. "A inflação está realmente um pouco acima do que nós e eles gostaríamos que fosse, mas vamos continuar lutando e não vejo nenhuma dificuldade maior", acrescentou.

No Banco Mundial, a missão de alto nível do Brasil assinou dois contratos, um de US\$ 40 milhões para educação primária no Nordeste e no Centro-Oeste e outro de US\$ 210 milhões para a reabilitação de rodovias dos corredores de exportação.

O ministro Delfim Netto talvez hoje mesmo vá para Nova York, onde iniciará as conversações preliminares com banqueiros sobre as necessidades financeiras do Brasil no ano que vem.

credores